





SÉRGIO PORTO

As Cariocas

4ª. edição

Prefácio de JORGE AMADO

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

1975.

Sumário

O Novelista Sérgio Porto

A Grã-Fina de Copacabana

A Noiva do Catete

A Donzela da Televisão

A Currada de Madureira

A Desquitada da Tijuca

A Desinibida do Grajaú

O Novelista Sergio Porto

JORGE AMADO

Um dos fatos importantes de nossa literatura nos últimos anos foi o aparecimento e o sucesso do escritor Sérgio Porto, talvez mais conhecido por Stanislaw Ponte Preta (mais do que um pseudônimo, Stan é personagem e autor, e a outra face de Sérgio). Realmente importante, pois o escritor carioca se impôs de logo como um jovem mestre de seu ofício. Renovou a crônica, gênero que havia atingido surpreendente altura literária, mas que corria o perigo de estiolar-se na grandeza de um Rubem Braga, na invenção de um Fernando Sabino, na graça de um Paulo Mendes Campos. Como ir mais adiante quando esses mestres pareciam haver esgotado o território da crônica? Pois Sérgio Porto, sob sua assinatura e sob a de Stanislaw, conseguiu igualar-se aos maiores sem com nenhum deles parecer, nem dever influência a qualquer que fosse.

A criação da figura de Stanislaw é uma grande façanha literária e resultou da necessidade que teve Sérgio Porto de um instrumento para aplicar seu alto moralismo, para atingir mais fundo com sua crítica à sociedade absurda em que vivemos.

Projetou-se o moralista num personagem que é ao mesmo tempo a tese e a antítese, um dom Quixote de nosso tempo e da cidade do Rio de Janeiro, um dom Quixote cem algo de rabelaisiano e muito de Mark Twain na capacidade de humor, inabitual em nossa literatura, humor que alia à alta qualidade um caráter brasileiro inigualável. Stanislaw cresceu numa família cada vez mais numerosa de uma personalidade e de um pitoresco deliciosos: tia Zulmira, a sábia anciã; Mirinho, o calhorda completo; o patriota Bonifácio; Rosamundo, o distraído. Cada um deles concorre com sua fisionomia própria para o grande painel da vida carioca que, passo a passo, despretensiosamente, Sérgio Porto vem construindo na criação de Stanislaw e de seu mundo de sátira, de humor, de gozação, de riso alegre e franco, de combate sem quartel a toda sujeira, a toda a indecência, ao vendepatrismo, à reação política, numa das obras literárias mais válidas dos últimos dez anos em nossa pátria. A vasta popularidade da família Ponte Preta e de seu criador, o enorme público nacional que os acompanha nas colunas dos jornais e nos livros de edições repetidas, são sinais, evidentes de como tem calado fundo no povo a literatura de Sérgio Porto, filha de seu tempo e de seu chão, alimentada pelos acontecimentos diários, solidária com as vitórias e as lutas do povo, arma de combate nos tristes dias políticos de agora com essa ditadura de meia-sola e seu entreguismo de sola inteira.

Quero me deter, porém, noutro aspecto da criação dos Ponte Pretas: a revelação de um ficcionista a se conter nos limites jornalísticos da crônica. Como sucede com Fernando Sabino.

Apenas o mineiro não precisava fazer prova de sua vocação ficcional, pois ele veio do romance de sucesso, Encontro Mercado para o sucesso da crônica, enquanto Sérgio Porto estreara como cronista e parecia indiferente aos apelos da ficção. Mas que outra coisa São Stanislaw, a tia Zulmira, Altamirando, Rosamundo, Bonifácio, senão criações de fabulosos, personagens e quantas vezes a crônica de Stan ultrapassa as fronteiras do gênero menor para ser deliciosa história, feita de ação e vida? Sempre esperei, numa ansiedade de leitor cotidiano o desembarque de Sérgio Porto no ancoradouro da criação novelística para onde fatalmente o arrastavam uma indeclinável vocação e o amadurecimento literário.

Há um ano talvez Sérgio deu-me a ler os originais de uma novela, tendo como tema a vida carioca, escrita quase sob encomenda para ser transformada num filme. Desde logo confirmaram-se, a leitura das primeiras páginas, a certeza antiga que eu nutria a propósito das

qualidades de romancista do autor da família Ponte Preta. Acontece, porém, que o cronista que enriquecera a língua literária do Rio de Janeiro (e a brasileira, conseqüentemente) com o uso de uma linguagem viva, solta, livre, sentia-se como que tolhido no novo território da ficção onde, naquela primeira experiência, não obtinha a mesma liberdade de expressão nem sequer a mesma força de criação, mantendo-se tímido e por vezes vacilante. Faltava-lhe exercício, domínio do novo instrumento.

Ora, ao ler nestas vésperas de Natal os originais de *As Cariocas*, volume no qual Sérgio Porto reuniu algumas novelas cariocas, centralizando-as em figuras femininas mas construindo ao mesmo tempo um quadro, amplo e profundo, da vida carioca dos nossos dias com os seus personagens mais característicos, ao ler esse conjunto de seis novelas, encontro-me com um ficcionista muito distante do tímido de um ano passado. Com que rapidez se apossou ele de seu novo instrumento e como o maneja firme e seguro! O Rio de Janeiro voltou a produzir um grande romancista a somar-se a família que vem de Machado de Assis a Lima Barreto, de Marques Rebelo a Miécio Tati. O

recriador da vida carioca de hoje — dono e senhor de sua língua viva, dos sentimentos, dos dramas, das alegrias, desesperos e tristezas da gente carioca — chama-se Sérgio Porto.

Um quadro dramático e poderoso, marcado com uma poesia máscula, uma solidariedade humana com uma ternura funda, eis o livro de Sérgio. Guarda êle uma linha de unidade na concepção e na realização, em sua arquitetura simples, onde não há nenhum truque, nenhum artificialismo, nem a busca do *dernier cri*, tão ao gosto de certos jovens que tentam cobrir com a última novidade sua impotência criadora. Um mundo contraditório e múltiplo, um tempo de terríveis desolações mas também de certos heroísmos anônimos, uma cidade de dor e de solidão mas também de alegre viver e de calor humano, eis o livro de Sérgio Porto. Comovi-me muitas vezes ao ler essas páginas onde uma gente frágil e triste, agoniada e cheia de ânsia de viver atravessa por entre a mais bela das paisagens em busca de uma esperança, de um porto seguro, de uma paz que parece impossível.

Penso que novos limites, cada vez mais amplos, aguardam Sérgio Porto, pois ainda são estreitas para sua vocação as páginas das novelas. Penso que não tardaremos a vê-lo enfrentando os continentes do romance para nos dar o grande romance carioca dos nossos dias, ainda por escrever. E quem poderá fazê-lo melhor do que o filho de D. Dulce, nascido nesse asfalto e nele posto a trabalhar? Creio que só uma coisa falta a Sérgio Porto para realizar essa grande e nobre tarefa: tempo, já que esse escritor excepcional, sendo um bom trabalhador carioca, gasta seu tempo em programas de televisão e outras coisas iguais. Mas não nos enganemos, pois êle carrega consigo a vida do Rio, estuante e lírica, e está destinado a recriá-la.

A Grã-Fina de Copacabana

1

SARITA OLHAVA distraída o trânsito colorido que descia pela Avenida N. S. de Copacabana. Aquele rio de carros que corria em direção ao centro da cidade e ali engrossava depois de receber todos os seus afluentes os carros que vinham do Leblon, via Posto 6, os que vinham de Ipanema, via Lagoa, os que vinham do Bairro Peixoto e das muitas ruas transversais.

Acendeu um cigarro já impaciente e continuou na janela. Estava no oitavo andar de um edifício do Lido, onde o eminente Dr.

Teódulo de Carvalho tinha o seu consultório e sua clínica; uma clínica muito bem montada para padronizar os narizes de moças ricas que tinham em seus respectivos apêndices nasais o centro de seus complexos, ou para esticar as pelancas de velhotas ociosas para as quais a velhice era um fantasma constante, muito mais constante durante o dia, quando suas rugas eram mais evidentes, do que durante a noite, quando costumam ser mais constantes os fantasmas de um modo geral. Em suma: o Dr. Teódulo de Carvalho era um afamado cirurgião plástico que enriquecera e envelhecera explorando a vaidade das grã-finhas do café society tornando-se um desses médicos que consideram o consultório a coisa mais importante da Medicina.

Seu consultório era no quarto andar e sua garçonnière no oitavo.

Sarita estava no oitavo andar, justamente na garçonnière do Dr.

Teódulo, porque Sarita era amante dele e muito mais gente do que ela imaginava — como é comum nesses casos — sabia disso. E Sarita estava impaciente porque Téo não chegava.

Marcaram às 2 hs e ficariam apenas uma hora, pois ele desceria às 3, como de hábito, para a primeira consulta. Já eram 2 e 15

— confirmou ela olhando o seu relóginho de platina e brilhantes

— e nada dele chegar.

Foi aí que Sarita viu um carro se destacar no meio dos outros e parar bem em frente ao prédio onde ela se encontrava. Era um modelo Fiat especial de carroceria moderna, uma gracinha de carro — ela pensou, porque além de entender de carros, Sarita era tarada por carros esporte.

Súbito, Sarita estranhou! Mas era ele, o Dr. Teódulo que descia do carro. Retirou os óculos escuros para ver melhor e logo seus olhos se fecharam contra a claridade, mas Sarita forçou a vista, seus olhos foram se abrindo aos poucos para confirmar não somente a presença de Téo junto ao carro como também a de Zizi, na direção. Sarita ficou mais abismada ainda. Zizi — Zilda de Carvalho — era a mulher dele e os dois se falavam e ela sorria. Téo estava na calçada e dizia qualquer coisa à mulher.

Ela respondeu, fez um aceno com a mão, o carro movimentou-se e vagou outra vez pelo caudaloso rio que, logo adiante, pegaria seu último afluente, vindo do Leme, e se espremeria dentro dos túneis, fiel ao seu leito — coisa que Sarita jamais fora — para escoar-se como sempre na Esplanada do Castelo.

O Dr. Teódulo virou-se e entrou no prédio. Sarita virou-se e entrou no quarto, colocando os óculos escuros sobre um móvel e olhando-se no espelho, onde ajeitou a pintura com a ponta do dedo médio da mão direita. Parou, olhou-se mais atentamente no espelho. Estava linda!

Sentou-se na beira da cama, fuzilando de raiva, para esperar a chegada do amante.

Barulho de chaves na fechadura, a porta abriu-se e o eminente Dr. Teódulo de Carvalho entrou esbaforido:

— Minha querida, desculpe... eu tive um almoço...

— Divertiu-se muito com ela?

— Ela quem? — espantou-se ele, enquanto colocava o paletó no espaldar de uma cadeira e começava a afrouxar o laço da gravata.

— Sua mulher! Você pensa que eu não vi vocês dois chegando juntos lá embaixo?

— Mas Sarita, a Zizi ia ajudar na preparação do chá da ABBR

hoje, rio Copa. . .

— Ora, Téó.. . Francamente, você me deixa plantada aqui horas e quando chega vem todo sorridente com sua mulher. Às vezes eu penso que você preferia trocar...

— Está calor aqui — disse ele, já nu da cintura para cima.

Fechou a guilhotina da janela onde estivera Sarita espiando, e ligou a refrigeração.

— . . . talvez você preferisse ser casado comigo e ter a Zizi como amante.

Ele abraçou-a pela cintura e tentou desabotoar seu vestido por trás do ousado decote das costas, enquanto falava carinhosamente:

— Denguinho, deixa de coisa. Ela só me trouxe aqui. Você sabe que meu carro está na oficina. Ela me trouxe no dela.

Sarita esquivou-se, quando ele falou no carro dela.

— Carro novo, não é?

— É . . . realmente o carro. . .

Mas Sarita não o deixou terminar:

— E você tinha me prometido um carro, não tinha? Deu pra mim? Não, deu pra ela.

—Mas foi ela que comprou!

— E foi você que pagou — arrematou ela, em cima do argumento dele.

Téo estava sentado na beira da cama, tirando os sapatos. Como todo grã-fino que se preza, cuidava-se. Seu corpo era queimado de sol, ele fazia massagem regularmente, tomava sauna. Nos seus quarenta e poucos anos, era um homem enxuto. Estava decidido a não brigar:

— Você está com ciúmes dela ou do carro — levantou-se e abraçou-a outra vez. Segurou-lhe o queixo e virou-lhe o rosto em direção a seu olhar: — Hem?

— Dos dois — respondeu Sarita, mais calma.

— Dela não precisa ter ciúmes, Denguinho. Ela é que devia ter ciúmes de você. . .

Sarita envolveu o pescoço dele num abraço: — Mas ela ganhou um carro, né? — sua voz agora era infantil.

Téo puxou-a para junto da cama, onde sentou-se com ela no colo:

— Denguinho, aquele carro custa muito caro. Não é pelo dinheiro, você sabe. Mas eu não poderia dar um carro daqueles para você. Como é que você explicaria a Eduardo?

Enquanto os dois se beijavam longamente, expliquemos que Eduardo era o marido de Sarita, também grã-fino, também freqüentador das mesmas rodas que Téo freqüentava, mas, que não era tão rico como Téo. Apenas um dos muitos freqüentadores dessas rodas, vivendo de comissões, hoje ganhando muito dinheiro aqui para poder cobrir as dívidas ali, num trapézio constante para agüentar um padrão de vida que não era o seu.

O médico conseguira afinal desprender o vestido da amante e ela saltou de dentro dele só de calcinhas e soutien, levantando-se do colo de Téo para entrar no banheiro anexo ao quarto. De lá falava para ele escutar:

— E se eu arrumasse um jeito para tapear o Edu, você me daria um carro igual ao da Zizi?

Téo levantara-se, colocara o vestido dela esticado sobre um móvel e tirara as calças, ficando apenas com a sunga de nylon.

Respondeu evasivamente:

— Mas meu bem, aquele carro não é de série. Deve ser o único existente no Brasil.

— É o que você pensa. — Sarita apareceu na porta do banheiro, enrolada numa toalha estampada. — Eu sei quem tem um igualzinho.

— Quem?

- O Cid.

— Que Cid? — intrigou-se Téo, mas puxando-a para a cama, enquanto ela explicava quem era Cid. Um playboy de São Paulo que agora estava morando no Rio, aquele que no aniversário da Betty tomara o maior pifa e caíra na piscina com smoking e tudo.

— Você se lembra? — e Sarita levantou o busto, fincou o cotovelo na cama e ficou semi-recostada, olhando para Téo.

Ele fingia estar mais interessado nela do que no tal de Cid.

Puxou-a outra vez para junto de si e beijou-a na boca.

Terminado o beijo, Sarita voltou à carga:

— A irmã do Cid é minha amiga. Também está morando no Rio, casou-se com um engenheiro da SURSAN. Ela foi tomar um chá comigo noutro dia. Disse que a família do Cid está muito preocupada com ele. O pai está querendo cortar a mesada, porque ele é um gastador. Ele é noivo cm São Paulo e vai casar breve. Deve estar precisando de dinheiro, não acha?

— Hum-hum — gemeu Téo.

— Então! É capaz de vender o carro. Aí você compra pra mim e eu dou um jeito de dobrar o

Edu, tá?

— Tá.

E Téo desenrolou a toalha que envolvia Sarita, abraçou-a e —

nessa tarde — não se falou mais nisso. Nem era assunto para ser debatido enquanto eles faziam o que fizeram.

Com franqueza, nenhum assunto cabe, em tais momentos.

2

CID ASSUNÇÃO de Almeida orgulhava-se de pouca coisa na vida.

Orgulhava-se, por exemplo, de sua família ser uma das mais tradicionais de São Paulo, incluída entre aquelas que se dizem de 400 anos. Era engraçado: Cid orgulhava-se do fato, mas não se orgulhava da família, que vivia a chateá-lo para voltar para São Paulo, casar com sua noiva, que também era quatrocentona.

— Nosso casamento, pela matemática, seria de 800 anos —

dissera Cid uma vez, irreverentemente, quando sua mãe, pela milésima vez o catequizava a voltar a morar no casarão da Avenida Paulista e trabalhar numa das fábricas do pai, homem abastado e prepotente. Contra a primeira faceta Cid não tinha nada, mas fora a prepotência do pai que o fizera trocar São Paulo pelo Rio.

Sentado numa das mesinhas que contornam a piscina do Copacabana Palace, tomava um biter Campari, enquanto aguardava a chegada de Sarita. Entre as poucas coisas de que se orgulhava incluía-se também a sua beleza física. Considerava-se irresistível às mulheres e não se surpreendera muito com o telefonema de Sarita.

— Ela já vinha me dando bola há muito tempo — pensou.

Olhou novamente para a porta de vidro que dava entrada para a pérgula do hotel. Ela teria fatalmente de passar por ali, a não ser que entrasse pelo edifício anexo, atravessando o salão verde.

Mas não, ela acabava de entrar na pérgula, caminhava para o lado da piscina. Cid levantou-se e agitou um braço. Sarita notou logo o aceno, sorriu e caminhou até sua mesa.

— Olá! — saudou o rapaz, apertando-lhe a mão e depois fazendo uma reverência como se fosse beijá-la.

— Olá — respondeu Sarita, sentando-se na cadeira que ele ajeitou para ela.

— Você quer tomar alguma coisa?

— Não obrigada. Eu não vou demorar. . . Você deve ter estranhado eu ter telefonado, não?

— Por quê? Por acaso eu não mereço o telefonema de uma mulher bonita?

Sarita sorriu, satisfeita: — Eu, na verdade, queria lhe propor um negócio e. . .

— Tá fechado — respondeu Cid de pronto, rindo também.

— . . . espera rapaz, que homem nervoso!

— Não vai me dizer que sou o primeiro que fica nervoso ao seu lado.

— Oh! Todos ficam nervosíssimos! — exclamou Sarita, revirando os olhos, exagerando de propósito. Fez uma pausa e falou no carro: — Trata-se do seu carro.

— Meu carro?

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

